



## ZIRALDO & MONTEIRO LOBATO: ECOS DA ILUSTRAÇÃO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA<sup>1</sup>

Sherry Morgana Justino de Almeida

(Univerisidade Federal Rural de Pernambuco, sherry\_almeida@yahoo.com.br)

**Resumo:** Este trabalho objetiva por em paralelo as ideias de Monteiro Lobato sobre ilustração em sua obra dedicada a crianças e a obra infanto-juvenil do escritor e ilustrador Ziraldo, com intuito de demonstrar a existência de ecos entre os imaginários dos dois escritores. Analisamos, principalmente, o livro *História das Invenções* (1935), de Lobato, em cotejo com os livros *O menino maluquinho* (1980) e *O menino e seu amigo* (2003) de Ziraldo. Para tanto, metodologicamente, valemo-nos dos pressuposstos de Brunel (1995) sobre Literatura Comparada e análise tematologia de uma obra e, como base teórico-crítica, utilizamos as ideias de Coelho (1993), Lajolo (1993), Koshyama (1982) e Pereira (2009). Partimos da concepção da imagem como elemento que também conta uma história, elemento que “fixa os acontecimentos”, e que significa tanto quanto a palavra – aspecto presente em toda a obra infanto-juvenil lobateana – para chegarmos a uma, das muitas possíveis, relações a serem traçadas entre Monteiro Lobato e Ziraldo. Ziraldo, assim como Lobato idealizou e pôs em prática, apresenta uma obra que aguça os sentidos dos leitores, principalmente a visão, com ilustrações que também contam a história. Em sua obra há uma intertextualidade recorrente com a obra lobateana, quer seja pela evocação das personagens, quer seja pela potência e importância que é dada à figura da criança, dentro e fora do texto.

**Palavras-chave:** Ilustração, Literatura Infanto-Juvenil, Monteiro Lobato, Ziraldo.

(...) ilustração não deve ser um *mero ornamento* dos livros infantis, mas tornar-se instrumento de comunicação. (COELHO, 1993: 47).

O escritor Monteiro Lobato é, inegavelmente, o precursor da literatura infanto-juvenil brasileira e possui uma obra adulta que o coloca entre os grandes escritores da literatura nacional. Entretanto, ainda é fato desconhecido da maioria dos brasileiros que Lobato foi ilustrador e importante agente da revolução editorial no Brasil.

Inclusive, considerando a história cultural brasileira, pode-se afirmar que é impossível pensar a existência de uma tradição literária para crianças no Brasil sem que se conheça e se entenda o trabalho intelectual e empresarial de Monteiro Lobato.

<sup>1</sup> Artigo resultante da adaptação de relatório de pesquisa desenvolvido por Amanda Mirella Símplicio da Silva, em 2017, como parte das atividades de pesquisa do plano de trabalho “Filhos e irmãos” de Monteiro Lobato:” vinculado ao projeto de pesquisa *A Literatura infanto-juvenil no Brasil: ecos do imaginário lobateano*, coordenado pela professora Dr.<sup>a</sup> Sherry Almeida (UFRPE), com apoio e financiamento do Programa de Incentivo a Bolsas de Iniciação à Pesquisa (PIBIC/CNPq).





# VII ENLIJE

A ação de Monteiro Lobato inseriu-se no processo de implantação e crescimento do setor editorial no Brasil, praticamente limitado até a década de 20 ao comércio de obras importadas. Tornando-se empresário editor, Lobato procurou melhorar as condições operacionais para o comércio do livro. (KOSHYAMA, 1982: 188)

Não é exagero dizer que, se atualmente temos uma parcela significativa do mercado editorial brasileiro voltada para difusão do livro didático e de literatura infanto-juvenil, isso é consequência do ideal lobateano de disseminar e defender efusivamente a importância da leitura para a formação de um cidadão crítico.

Tal como hoje, era preciso formar novos leitores e também futuros leitores, um processo que deve ser começado na infância. No início da década de 20, Lobato dedicou-se a essa tarefa que permitia conciliar seus interesses de empresário e escritor. Publicou sua primeira obra de literatura infantil, *Narizinho arrebitado*, em 1921, usando uma linguagem mais brasileira, contrastante com os textos de Portugal. Procurando induzir o consumo da obra nas escolas, apresentou-a como literatura didática. E, como obra didática, vendeu ao governo do Estado de São Paulo 30.000 exemplares do *Narizinho*, para serem distribuídos gratuitamente nas escolas primárias. (KOSHYAMA, 1982: 189)

A sociedade brasileira da República Velha, no início do século XX, pode ser culturalmente descrita como detentora de valores arcaicos e pouco estimulante à busca pelo conhecimento<sup>2</sup>. Observador e crítico arguto desses valores, Monteiro Lobato percebeu que o desenvolvimento social e econômico só seria possível mediante uma revolução cultural: era necessário fomentar uma mudança de mentalidade nas futuras gerações, posto que a sua coetânea – viciada numa mentalidade indolente – não seria mais viável. Por isso, apostou nas crianças, escrevendo para elas sem “literatice”, sem preconceitos literários e ideológicos, não as tratou como miniaturas de adultos ou seres débeis, mas sim com a seriedade e o respeito que mereciam.

Dessa forma, entende-se porque as histórias do Sítio são contadas sem reducionismos e sem infantilizações de linguagem; sem mascaramentos nem falseamentos mediocrizantes do conhecimento e da realidade. Afinal, como sabiamente afirmou, “não é mentindo para as crianças que conseguiremos educá-las.”

<sup>2</sup> Varolizava-se o chamado “verniz cultural” – era o título pelo título, o anel pelo anel, enfim, “o anel pelo anel”, como bem satirizou Lima Barreto em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909).





# VII ENLIJE

Numa época em que a maioria da população brasileira vivia na zona rural e que a escolarização não atingia a todos, a literatura lobateana foi o rádio, os programas matinais de TV, os videogames, o computador e a internet de algumas gerações do passado. (SILVA, 2007)

Em 1940, Lobato declarou, em discurso na Biblioteca do Congresso Norte-Americano, “um país se faz com homens e livros”. Bastante incompreendida na sua época, sua ideia de incentivo à leitura ainda hoje não recebeu a devida atenção por parte da sociedade brasileira.

Considerando os comentários desenvolvidos acima, nesta análise lançaremos mão da teoria de Pereira (2009) em “Literatura, ilustração e o livro ilustrado” e da própria obra de Lobato *História das invenções* (1935) na tentativa de traçar um paralelo entre *O Menino Maluquinho* (1980) e *O menino e seu amigo* (2003), de Ziraldo, e a possível influência de Lobato na disseminação da ilustração e da imagem nas narrativas dedicadas às crianças; tomando como linha de cotejo a visão da capacidade da ilustração de narrar histórias, da mesma forma que tece as palavras de Pereira:

As ilustrações vão construindo um outro tipo de narrativa, feita de imagens, mas, que, do mesmo modo, apresenta progressão dos acontecimentos textuais. Nodelman (1988: 171) alega que ‘se uma figura pode, fazendo uso de várias convenções, transmitir a noção de movimento de passagem do tempo (ou nos surpreender pela aparente ausência dessas qualidades), então, ela pode, obviamente, também sugerir os acontecimentos organizados de uma história – a interconexão lógica de causa e efeito que forma o enredo’: a imagem é capaz de narra a história tanto quanto as palavras. (PEREIRA, 2009: 387)

Entendidas, dessa forma, as ilustrações não somente narram histórias como também são elas mesmas a história, formas de dizer: a ilustração, com a força da imagem, determina, assim como a palavra, a construção de significados na narrativa.

Em 1900, quando termina o secundário, Lobato tenta desenvolver seu talento na Escola de Belas-Artes, mas vê a carreira de Direito imposta, de certa maneira, em sua vida. Esse olhar estético e cuidadoso para as questões artísticas volta, porém, à sua vida de maneira consistente no período da revolução e modernização editorial, que começa a despontar no Brasil no século XX.





# VII ENLIJE

Como aponta Pereira (2009), ao ressaltar, meio ao contexto de origem e formação da ilustração literária, a figura do, também ilustrador, Lobato (ver exemplo de ilustração sua na figura 1), como fundamental para as mudanças no sistema editorial brasileiro.

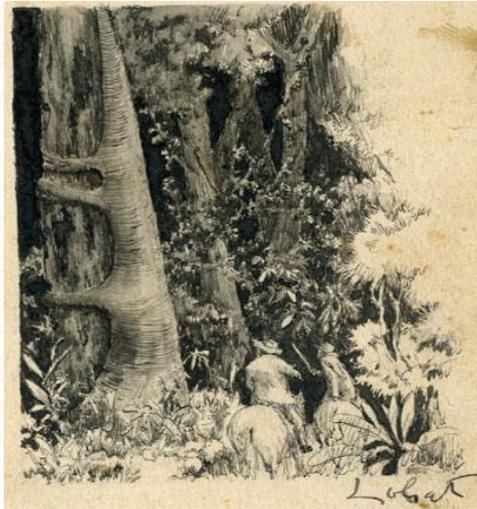


Figura 1- ilustração de Monteiro Lobato para o conto o mata-pau, do livro *Urupês* (1918)

Até o final do século XIX a ilustração foi pouco significativa, sendo a maioria dos livros impressa sem ilustrações:

(...) Somente a partir das inovações introduzidas por Monteiro Lobato , quando de sua enveredada para a publicação de livros, é que as ilustrações, bom como toda a parte gráfica do volume, passaram a ser destacadas na obra de ficção. Lobato foi responsável por uma verdadeira **revolução editorial**, a partir da década de 1920: **“Chamei desenhistas, mandei por cores berrantes nas capas. E também mandei por figuras!”**(...) Suas melhorias **incluíam a importação de tipos novos e modernos, a mudança na qualidade do papel e a contratação de artistas** como Antônio Paim, Belmonte e Mick Carnicelli, ademais de J. Wasth Rodrigues, que havia ilustrado capas de *Urupês* (1918) e *Saci* (1921). (PEREIRA, 2009: 383, *grifo nosso*).

É possível constatar a importância dessa ação de Lobato ao chamar “desenhistas” para dinamizar os seus projetos editoriais apenas observando a diversidade de ilustradores que tiveram oportunidade de apresentar seus estilos a um grande público leitor. Vejam-se exemplos de trabalhos, e a conseqüente diversidade de estilos, de alguns dos principais ilustradores da obra de Lobato nas figuras 2 a 8:





# VII ENLIJE

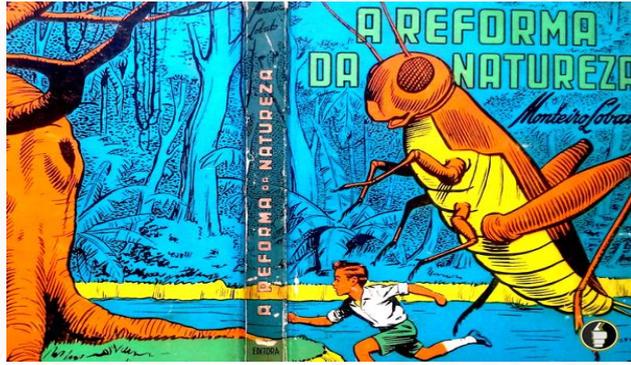
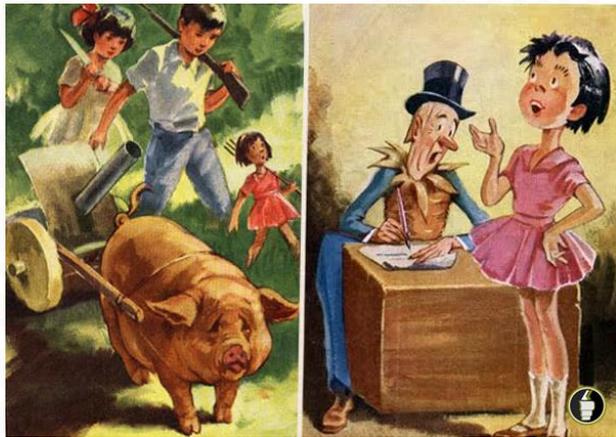


Figura 2 – Ilustração de AUGUSTUS para obra de Monteiro Lobato



Figuras 3 e 4 – ilustrações de J. U. Campos para obra de Monteiro Lobato



Figura 5 – ilustração de Nino para obra de Monteiro Lobato



Figura 6 – ilustração de André Le Blanc para obra de Monteiro Lobato





Figura 7 – ilustração de Jean Gabriel Villin para obra de Monteiro Lobato



Figura 8 – ilustração de Belmonte para obra de Monteiro Lobato

Koshiyama corrobora essa importância da ação de Lobato ao convocar diversos artistas para ilustrar as obras que editava ao comentar as principais mudanças no estilo e no cuidado reservado às capas dos livros publicados naquela época, e como essas inovações mudaram a forma de se olhar para as obras:

A inovadora apresentação gráfica, com capas desenhadas e coloridas para cobrir brochuras, mostrava a preocupação do editor Monteiro Lobato com a embalagem do produto livro, fugindo dos hábitos estabelecidos na época quanto à apresentação de capas, em geral amareladas, copiadas das populares edições francesas. (KOSHIYAMA, 1982:70).

Do outro lado desta proposta de cotejo, encontramos um dos muitos leitores de Monteiro Lobato: Ziraldo. Talvez, o nome mais conhecido da atual literatura infanto-juvenil brasileira, sua obra traz um aspecto bastante valorizado por Lobato: a alta qualidade das ilustrações, as quais são de autoria do próprio escritor. Pode-se dizer que o ilustrador Ziraldo consegue contar uma história com a mesma maestria que o escritor. Texto e ilustração em Ziraldo são complementares na arte de narrar de maneira dinâmica e bastante atraente à criança.





# VII ENLIJE

arquifamosa obra *O menino maluquinho* tem nas suas ilustrações um espetáculo à parte, tanto que a ilustração da personagem principal, o menino maluquinho, já faz parte do imaginário cultural brasileiro assim como as personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo. Ziraldo teria herdado de Lobato também o gosto pela fala coloquial do cotidiano em suas histórias, o que aproxima ainda mais seus livros das crianças...

Era uma vez um menino maluquinho.  
Ele tinha o olho maior do que a barriga  
tinha fogo no rabo (ZIRALDO, 1992)

O menino de Ziraldo tem, também como Emília de Lobato, um comportamento espetado, entretanto, parece mais sensível que a boneca de pano.

Para alinhar esse cotejo, chamamos a atenção agora para *História das Invenções*, cuja primeira edição data de 1935. Nessa obra integrante do ciclo do Sítio do Pica-pau Amarelo, na qual Dona Benta – a partir da leitura do livro de Hendrick van Loon – conta a Pedrinho, Emília e Narizinho histórias de como surgiram as invenções, os inventores, e tudo o que diz respeito aos logros da mente humana. Lobato vê nas invenções, segundo a obra, formas de expandir sua potência e seu alcance. Interessa-nos especificamente as ideias do escritor sobre as ilustrações do livro, conforme Dona Benta comenta:

— Tenho aqui um livro de Hendrik van Loon — disse ela —, um sábio americano, autor de coisas muito interessantes [...] Era um livro grosso, de capa preta, cheio de desenhos feitos pelo próprio autor. Desenhos não muito bons, mas que serviam para acentuar suas idéias. (LOBATO, s.d.: 6)

Nesse trecho, Dona Benta fala a Narizinho e a Pedrinho sobre um livro muito importante que serviria como fonte para a história que iriam ouvir, e ressalta que, dentro desse livro, havia ilustrações que serviam para “acentuar” as ideias do autor, ou seja, lança um conceito, mesmo que breve, de que os desenhos no livro possuem em si, e acrescentam, uma riqueza na leitura do texto, de aguçamento do imaginário da criança leitora. Em muitos outros momentos da obra, Dona Benta – através de seu discurso de detentora e disseminadora do saber, atenta para a presença do desenho como signo de comunicação, de linguagem, desde tempos muito remotos:

A escrita começou com desenhos. Nas cavernas pré-históricas encontramos desenhos de animais e coisas feitas pelos peludos há milhares de anos. Era o começo. Com aqueles desenhos eles fixavam na pedra acontecimentos que seus filhos e netos entendiam. (...) — Antes do alfabeto o homem fixava os fatos com o desenho. Nas cavernas pré-históricas encontram-se, junto às

(83) 3322 3222  
contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





# VII ENLIJE

ossadas que as enchem, pedrinhas com sinais. Os sábios ainda não conseguiram traduzir esses sinais, como o fizeram com os sinais hieroglíficos, rúnicos e assírios./— Sinais rúnicos? Que é isso?/— São os sinais encontrados nas pedras do norte da Europa. Dinamarca, Suécia, Noruega, Islândia. Run, em língua da Islândia, quer dizer misterioso. Notem que a idéia de fixar os acontecimentos por meio de desenhos ia ocorrendo a todos os povos ao mesmo tempo, cada qual usando sinais seus. (LOBATO, s.d.: 111-113)

Partindo dessa ideia da imagem como elemento que também conta uma história, “fixa os acontecimentos”, e que diz junto à palavra – presente em toda a obra infanto-juvenil lobateana – é que chegamos a uma das muitas possíveis relações a serem traçadas entre Monteiro Lobato e o escritor e ilustrador Ziraldo e suas obras destinadas às criança leitoras. Ziraldo, da mesma forma que foi desejado, idealizado e posto em prática por Lobato, apresenta uma obra que aguça os sentidos dos leitores, principalmente o visual, com ilustrações que também contam a história, junto às palavras- além de uma presente intertextualidade e referência à obra lobateana, quer seja pela evocação das personagens, ao descrever o menino maluquinho quase como uma figura mítica: “Pra uns, era um uirapuru/ pra outros, era um saci.” (ZIRALDO: 18 e 19):

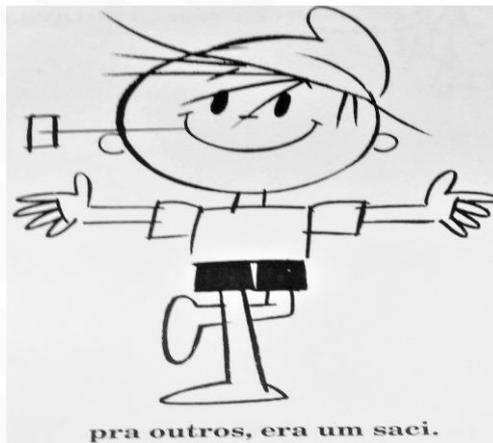


Figura 9 – ilustração de Ziraldo para obra *O menino maluquinho*

Quer seja pela potência e importância que é dada à figura da criança, dentro e fora do texto. Percebe-se, inclusive, que a imagem do Saci de Ziraldo ecoa a do Saci das representações dos ilustradores da obra de Lobato (ver figura 7). Da mesma forma que cultiva uma tradição de referências pela imagem e pelo texto, que evoca outras vozes, outros “pais” e “filhos” desses ciclos, Ziraldo, ao final de seu livro *O menino e seu amigo*, referenda suas influências como artista:





# VII ENLIJE

É uma alegria completar as ilustrações com *referências* dos artistas que nos encantaram. É um jeito de manter viva a sua memória, um modo de agradecer sua contribuição às nossas vidas. Os franceses chamam esse hábito de *hommage* e ele está presente em todas as formas de arte. Aí, quando comecei a ilustrar este livro, lembrei-me de que a paisagem da sua história é a mesma dos desenhos de Rugendas e do Percy Lau: a da minha terra. Ficam explicadas assim os fundos e os primeiros planos das ilustrações. São colagens! Feitas sem cola e sem tesoura, como eram as que sempre fiz até aqui. As paisagens – que Rugendas desenhou há quase duzentos anos e Percy Lau há mais de cinquenta – estão recriadas aqui, coloridas pelos meus velhos ecolines – que só sei trabalhar com eles. (ZIRALDO, 2007: 47)

Dessa forma, ao falar acerca das ilustrações e colagens representadas no texto, Ziraldo referencia os artistas que toma como referência nas ilustrações da obra e trata da necessidade do artista de perpetuar sempre aquilo que se acredita, suas raízes e influências que o constituem, as outras vozes no seu discurso; seria essa necessidade de “manter viva a memória”, de referendar a voz de precursores, que buscamos traços desse *hommage* na literatura infantil brasileira frente à literatura para crianças de Monteiro Lobato. Um dos pontos de contato, nessa espécie de tradição que pode ser estabelecida, recai sobre o encontro de dois personagens marcantes da literatura infantil brasileira: Emília e o Menino Maluquinho, dois inquietos do pensamento.

*O menino maluquinho* traz por si só uma proposta de informar e formar pela imagem e para além dela. A obra, publicada pela primeira vez em 1980, possui seu interior habitado das mais diversas ilustrações feitas pelo próprio Ziraldo. De maneira resumida, conta-se a história de um menino “impossível”, nas palavras do autor, e como sua natureza se revela ao passar do tempo e dos momentos de sua vida. A obra começa com a seguinte descrição da figura do maluquinho:

Era uma vez um menino maluquinho./ Ele tinha o olho maior que a barriga/  
tinha fogo no rabo/ tinha vento nos pés/ umas pernas enormes (que davam  
para abraçar o mundo)/ e macaquinhos no sótão) embora nem soubesse o  
que significava sótão)/ Ele era um menino impossível! (ZIRALDO, 2008: 7-  
13)

Nesse trecho, como em toda a obra, Ziraldo busca propor, só que de outra forma (pela imagem), o que é dito no texto escrito. É como se imagem atuasse como janela outra para interpretação do texto, como elemento enriquecedor da leitura. Por toda a obra, as imagens trazem informações que extrapolam o texto escrito, e que, estimulam a capacidade imaginativa da criança leitora, de construir novas ideias e pensamentos a partir daquilo que lê:





Figura 8 – ilustração de Ziraldo para *O menino maluquinho*

O artista parece ilustrar com a mesmíssima inventividade que sua criatura, o maluquinho, inventava suas ações:

se tinha sombras/ ele inventava de criar o riso/ pois era cheio de graça; se, de repente,/ ficasse muito vazio/ ele inventava o abraço/ pois sabia onde estavam/ os braços que queria;/ se havia/ o silêncio/ ele inventava/ a conversa (...) se tinha dor/ ele inventava o beijo/ aprendido/ em várias lições (ZIRALDO, 2008: 43-45).

Ao representar a criança como criativa, capaz de inventar tudo o que necessita, apenas com sua imaginação, remete-nos às personagens do Sítio, ao universo lobateano e a magia do pó de pirlimpimpim. É justamente essa natureza da criança e sua capacidade de sempre se reinventar, e de inventar, sua inquietude e criticidade que nos leva a refletir sobre a própria figura do menino maluquinho e de Emília, dois inquietos da literatura, assim como os seus criadores. Por um lado, Emília, sempre taxada de asneirada, de desbocada e sem papas na língua pelos netos de Dona Benta, que, em *História das Invenções*, diz justamente o contrário, reconhecendo o valor e a grandeza de suas ações e seu modo de ver o mundo:

— Você não parece gente, Emília. Você já é na verdade uma gatinha — e das boas. Acho injustiça viverem a chamar você de asneirada. Você não diz asneiras, não. Asneiras são essas acusações contra a máquina. Você o que é, é muito independente de idéias, muito corajosa. Diz sempre o que pensa, sem escolher ocasião ou palavras. Se certas pessoas condenam esse modo de falar sem papas na língua, achando-o "impróprio", é porque elas não passam de "bichos ensinados". (...) Com você dá-se o contrário. Você é rebelde a tais imposições. Com essa cabecinha sua você vai pensando com uma liberdade que espanta a gente. (LOBATO, s.d.: 74).

Por outro lado, o menino maluquinho, como o próprio nome já nos chama a atenção, é descrito como impossível, dono de suas ideias, criativo e fundador de mundo a partir do





# VII ENLIJE

pensamento: “‘Esse menino é maluquinho!’ falou o pai, aliviado. E foi conferir o boletim. (...) E ele dizia aos pais/ cheio de contentamento: ‘Só tem um zerinho aí./ Num tal de comportamento!’” (ZIRALDO, 2008, p.32-37). Assim é o “maluco”, o que vê além, representado na figura da criança, mas uma maluquice no sentido de inventividade, de seguir por outras veredas e possibilidades de leitura do mundo, da mesma forma que idealiza a literatura infantil de Monteiro Lobato e de Ziraldo. O que nos leva, outra vez, à voz de Dona Benta, ao contar sobre as invenções e descobertas do uso do carvão, e desse confronto entre as ideias antigas, postas como fechadas, e as novidades que surgem das “maluquices”:

Aqui entram em cena duas forças contrárias. Dum lado, a inércia da grande maioria dos homens, que são como as árvores, os peixes, os animaizinhos caseiros. Não querem mudanças, têm medo das novidades e combatem-nas, **chamando loucos aos que pensam de modo contrário**. Se sempre vencesse a idéia dessa gente inerte, o mundo jamais mudaria em coisa nenhuma. Do outro lado estão os pioneiros, isto é, os homens de idéias, amigos das novidades, os que inventam, os que criam coisas novas. (LOBATO, s.d.: 67, grifos nossos)

Através dessa breve análise aqui proposta se pode ler que Monteiro Lobato, em *História das Invenções*, mostra às personagens do sítio a ‘simplicidade’ que há por trás das grandes ideias, como a invenção do tecido, a invenção dos instrumentos de trabalho e muitas outras invenções engenhosas do homem que permitiram sua perpetuação e aprimoramento como ser pensante.

Podemos ler, assim, uma visão voltada à natureza da criança e à própria proposta da obra lobateana, a de falar às crianças leitoras das coisas importantes e fundamentais para o entendimento da vida e de como ela funciona, sem facilitações “infantilizadoras” da linguagem. Tratando dos assuntos desde o princípio, fazendo com que a criança tenha contato com o todo, com todo o processo até o ponto atual de discussão, e não somente uma parte que lhes é passada pelos adultos. O que nos remete à Lajolo (1993) quando nos propõe o “sujeito emancipado”, e seu pensamento crítico de (re)construção. O sujeito emancipado é aquele que é capaz de tirar conclusões das histórias, não precisando de uma moral pronta, ou se já houver, a desconstrói e cria uma própria leitura. Isso é algo que Lobato idealizou e concretizou em sua literatura e que, posteriormente, ecoou em produções de autores como Ziraldo: desconstruir o já imposto como pronto e propor um mundo de outras possibilidades para a criança leitora. Visava à construção do interlocutor infantil, a criança interlocutora, leitora crítica. Por essa visão, a criança não seria um adulto pequeno, e nem deveria ser





tratado como tal; pelo contrário, possui sua própria natureza, seu espaço e, com isso, desenvolveria a imaginação e o espírito crítico.

Esse breve estudo comparativo entre as ideias de ilustração de Lobato e Ziraldo demonstra não apenas a importância do autor do Sítio do Pica-pau Amarelo para a literatura infanto-juvenil brasileira, demonstra também o quanto grandes escritores e ilustradores como Ziraldo entenderam que a leitura de ilustrações é um das formas mais estimulantes para a autonomia crítica da criança leitora.

## REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: arte literária ou pedagógica? In: **Literatura infantil: Teoria – Análise – Didática**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. São Paulo, Ática: 1993.

LOBATO, Monteiro. **História das Invenções**. Obra infantil completa. 12ª ed. Vol. 4 São Paulo: Editora Brasiliense: s.d.

PEREIRA, Nilce M. Literatura, Ilustração e o Livro Ilustrado. In: **Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas**, ed. Thomas Bonnici e Lúcia O. Zolin. 3ª edição. P. 379-393. EDUEM: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009.

SILVA, Rovilson J. da. **Sucedores de Lobato?** In: *Leituras e Leitores*. 2007. Disponível em: [http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=295](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=295). Acesso em 09 de fevereiro de 2015.

ZIRALDO. **O menino e seu amigo**. Ilustrações do autor. 10ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007.

\_\_\_\_\_. **O menino maluquinho**. Ilustrações do autor. 2ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

